"O som que um avião faz realmente me dá a sensação de que estou sendo levada pra outro lugar", Shimamura me disse enquanto caminhávamos pelo aeroporto. "Sinto como se tivesse virado uma bagagem toda vez que escuto isso."

Essa afirmação dela foi seguida por ela movendo a mão pelo ar imitando um avião — um avião que parecia que iria cair em breve, considerando sua trajetória.

"Hmm... Acho que sim."

Como na maioria das coisas nesse mundo, eu nunca tinha pensado nisso com tanta profundidade.

Que som era esse que ela estava se referindo? O que significava ser levada para outro lugar? Eu não conseguia definir. Talvez fosse porque eu nunca tinha sido transformada em bagagem antes.

"Você gosta?"

"Nem um pouco. Faz meu ouvido doer", ela disse com indiferença. Isso era uma coisa comum com a Shimamura: Ela começava um assunto parecendo toda animada, para terminar de uma maneira assim. Ela tinha a mania de viajar na maionese, eu achava. Dito isso, frequentemente esse lado dela acabava me superando.

Agora, estávamos caminhando bem mais rápido do que na nossa primeira visita aqui. Um monte de justificativas — seja pelo fato de ainda haver muito tempo até o checkout, ou que o hotel estava perto, ou que demoraria até que voltássemos aqui — acabou nos fazendo perder totalmente o horário. Talvez deveríamos ter ido ver a famosa placa de caranguejo ontem. Talvez. Mas, por outro lado, eu tinha certeza de que a experiência foi única de alguma forma porque escolhemos fazer isso justamente hoje e não em outro dia, e por isso, eu estava feliz por termos feito do jeito que fizemos.

Ou pelo menos, foi isso que Shimamura continuava repetindo.

Nossas férias tinham chegado ao fim, e agora era hora de voltar para casa. O que restava era embarcar no avião que nos levaria de volta.

Olhando para a Shimamura, era claro que ela estava achando tudo aquilo uma enorme dor de cabeça. Ela havia feito tanta bagagem, mas no fim das contas, usou quase nada dela. Acho que fazia sentido ela ficar irritada de ter que arrastar a mala pesada. Além disso, ela era realmente muito ruim quando se tratava de terminar as coisas.

Era parte de sua personalidade evitar isso o máximo possível.

"....."

Quanto a mim, eu queria permanecer para sempre em uma posição onde pudesse testemunhar essas tentativas dela.

Eu me diverti muito nessa viagem.

Resumindo tudo, esse era o ponto central. Eu me diverti porque Shimamura estava ao meu lado.

Seria impossível listar todas as coisas individuais que eu tinha gostado de fazer. Eram tantas.

Por tanto tempo, eu sonhei com a gente indo para um lugar distante, só nós duas, e agora, aqueles sonhos finalmente haviam se tornado realidade. No entanto, ao contrário de um sonho, a memória deles certamente não iria desaparecer. Eu não deixaria que isso acontecesse.

Ainda não tinha passado tempo suficiente para eu relembrar esses eventos e falar sobre eles. *Isso aconteceria eventualmente? Eu um dia me encontraria relembrando o que aconteceu? Quase certamente.* Quando eu erguesse a cabeça, quando olhasse os souvenirs que compramos, antes de dormir, eu pensaria no tempo que passamos juntas. Eu havia obtido não apenas memórias para o futuro, mas também algo muito além disso.

"Ah, espera. Só um segundo."

Com certeza estávamos com um pouco de pressa, mas Shimamura não parecia perceber isso. Por exemplo, agora mesmo, ela viu uma pequena loja e decidiu dar uma passada lá. Eu a acompanhei para dar uma olhada, e enquanto andávamos pelos corredores, um cheiro bem forte de chocolate invadiu meu nariz. *Tenho que dizer, eu realmente gostei.* Shimamura parecia gostar também e, como se tivesse se lembrado de algo que havia esquecido, acabou comprando uma caixa inteira.

"Embora eu adorasse comprar pra ela uns famosos pãezinhos de geleia da região ou algo parecido, obviamente isso não é uma opção", ouvi ela murmurar. Foi ali que percebi que ela estava comprando o chocolate como souvenir para alguém — alguém que eu conhecia. Não pude deixar de me sentir um pouco irritada.

Shimamura agia de forma incrivelmente amigável com aquela criatura estranha. Além disso, a forma como ela demonstrava essa amizade parecia muito diferente do jeito que agia comigo — ou com qualquer outra pessoa, na verdade. Eu estaria mentindo se dissesse que não houve uma época na minha vida em que eu não apreciava muito isso.

Ainda hoje, alguns desses sentimentos ainda estavam comigo.

"Ei, Shimamura."

"O quê?"

Chamei ela para parar antes que saísse da loja.

"Eu também quero um souvenir."

"Err..."

Os olhos dela se abriram bem grandes, formando círculos que lembravam o formato de uma lua cheia.

"Você e eu, estamos aqui agora."

"Sim."

O tom com o qual eu disse isso fez parecer que eu estava lendo as letras de uma música ou algo semelhante.

"Desculpa, Adachi, é que é difícil entender o que você tá falando."

“Excuse me”, ela acrescentou em inglês. *Então, ela sabia falar, apesar de tudo.* Eu realmente achava que ela tivesse esquecido tudo o que estudou assim que subimos no avião.

Meio tarde para isso, pensei.

"Qual é a palavra mesmo? Memento? Algo assim?"

"Hmm..."

Uma expressão de confusão ainda estava no rosto da Shimamura. E, ainda assim, isso não a impediu de dar um passo à frente.

"Vamos ver", ela murmurou para si mesma enquanto olhava na prateleira. Aproximadamente cinco segundos depois, ela encontrou algo "fofo o suficiente" e pegou. Correu até o caixa, comprou o item e então correu de volta para mim. "Aqui está. Seu souvenir."

O que ela escolheu foi uma xícara de chá amarela. *Uma xícara de chá, huh?*

Como era de se esperar, já que ela tinha acabado de comprar o objeto, o adesivo de preço ainda estava preso na parte de baixo.

"Por que essa?"

"Porque você é meio indiferente a comida."

"Bom, isso é verdade..."

"Exatamente."

Exatamente o quê? Como isso tudo se relacionava com a xícara de chá? Eu ainda estava tão perdida quanto no começo.

"A verdadeira pergunta é: por que a seção de souvenirs está cheia dessas coisas?"

"Sei lá. Talvez produzam muitas delas e tenham que enfiá-las em algum lugar."

"Aqui? No exterior?"

“Não acho”, ela respondeu balançando o dedo na frente do rosto. *Por que ela parecia tão confiante? O que ela sabia sobre outros países?*

Me sentindo bastante cética, peguei a xícara e a segurei contra a luz distante.

Alguém acreditaria em mim se eu dissesse que essa coisa foi um souvenir do exterior?

"Hmm... Bem, de qualquer forma", murmurei, minha visão tingida de amarelo.

Não importava. Shimamura me deu essa xícara, e, por isso, se ela veio de outro país ou do supermercado local, não era relevante.

Eu podia ser egoísta às vezes, muito mesmo, mas a Shimamura sempre me respondia com um sorriso.

Isso era tão verdadeiro hoje quanto foi no dia em que nos conhecemos; aquele sorriso dela era o farol brilhante da minha vida.

***

"Estranho. Eu não queria ir embora tão cedo, mas agora que o dia chegou, me sinto quase aliviada", disse Shimamura, já acomodada em seu assento dentro do avião.

Eu mais ou menos entendi o que ela queria dizer. Definitivamente havia uma parte de mim que sentia o mesmo.

No entanto, ao contrário da Shimamura, eu só tinha nosso apartamento para voltar.

Seria mentira dizer que não sentia um pouquinho de inveja dela.

O avião logo decolou conforme o planejado. Enquanto estava no ar, comecei a lembrar das palavras da Shimamura de antes.

Me concentrei no som do avião, tentando ver se conseguia achar algo relaxante nele, do jeito que ela fazia.

Hmm, não, não funcionou. Para mim, o barulho só parecia irritante e nada mais.

Mesmo assim, fechei os olhos e fingi que tinha sido transformada em bagagem.

A imagem da Shimamura me carregando sobre o ombro apareceu na minha mente. Antes que eu percebesse, meus pensamentos já estavam em outro lugar.

***

Entrar no país acabou sendo um processo bem parecido com o de sair dele. Depois que isso foi resolvido, chegou a hora de deixar o aeroporto para trás.

A onda de cansaço que me atingiu nesse momento mostrava o quanto havíamos ficado fora.

"Ei, Shimamura."

Uma brisa de ar quente — tão distinta do que era lá — tocou a ponta do meu nariz.

O que viria a seguir, ao chegarmos em casa, seria guardar toda a bagagem. Embora não fosse exatamente algo divertido, eu tinha certeza de que a diversão que tivemos lá fora me ajudaria a passar por isso. *Quanto tempo isso duraria? Isso eu não sabia.* Porém, se a minha reserva de sentimentos fosse se esgotar eventualmente, a resposta sobre o que eu deveria fazer estava clara.

"Vamos pra lá de novo um dia", disse para a Shimamura, enquanto dava uma última olhada no aeroporto por cima do meu ombro. Ao meu lado, vi que ela fazia o mesmo.

"Quando tivermos dinheiro suficiente, claro."

"É."

Meus sonhos fofos foram confrontados pelo toque frio da realidade.

Em algum momento, ambas nos encontramos em uma posição onde podíamos nos sustentar igualmente.

De fato, formávamos uma boa dupla. Era isso o que eu pensava.

E assim passaram-se meus dez anos ao lado da Shimamura.